



Director literario:

Arquibaldo da Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

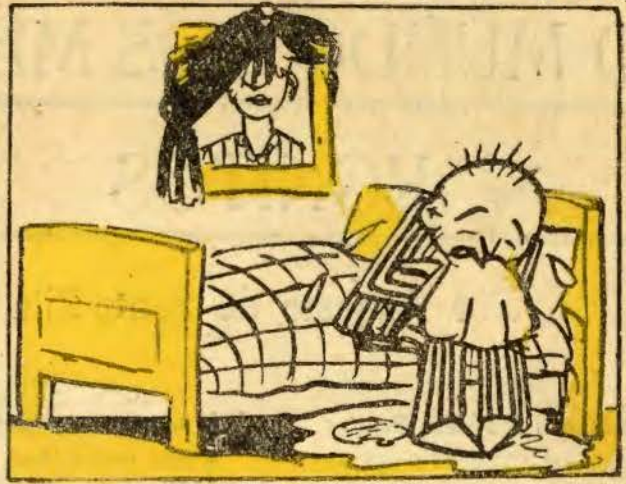
Director artistico:

Arquibaldo
PAPUSSE

UM VIUVO INCONSOLAVEL



Bernardino Santos Souza,
de Sarilhos natural,
por morte de sua esposa,
Dona Perpétua Vidal,



de tal modo inconsolado,
chora tanto, tanto, tanto,
que vai tornando o sobrado
num imenso mar de pranto.



Mas, ao ver sua mansarda,
cheia de pranto salgado,
pôs-se a gritar: — «ó da guarda,
que vou morrer afogado!...»



Valeu-lhe o «Zé da Pinhata»
irmão dá sua ex-consorte,
que, emprestando-lhe uma chata,
o livrou de horrível morte!

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITAREMOS

O MUNDO DOS MEUS BONITOS

Por Augusto de Santa-Rita



Ó Mundo dos meus Bonitos...
quem me vos dera outra vez:
— meus combóios, meus apitos,
ó meu vapôr irlandez...
cujos lindos passageiros,
em grupos de dois e três,
eram fósforos, palitos...

Meus olhos: — dois marinheiros
passeando no convês!

Ó «Arca de Noé» estojo
envolto por bela cinta;
tendo dentro ovelhas, tojo,
e cabras de boa pinta,
arvoredo, arbustos vários,
pintados com verde tinta;
casa e cãozinho de rojo...

Meus olhos: — proprietários
passeando em sua quinta!

Meu teatro de cartão,
ó meu teatro ideal,
onde surgia o Brazão
que eu recortei dum postal
e o António Pedro que vinha
no seu papel principal!
Festa linda! Eram, então,

Meus olhos: — Rei e Rainha
no camarote real!

Ó carrocinha de inquietas,
ligeiras rodas, polidas;
rodando sôbre valetas,
como se fôra em compridas,
íngremes, longas ladeiras;
com duas mulas garridas,
um par de mulinhas pretas!...

Meus olhos: — as dianteiras
ajudando nas subidas!

Meus soldadinhos de chumbo...
Um em cornêta a tocar,
outro em tambôr, outro em bumbo;
porta-bandeira tão lindo!...
Tudo em forma... Eram, então,
(mesmo sem pôr nem tirar)
dos meus olhos as meninas:

— Princezinhas assistindo
à Parada militar!

Em tudo eu tinha o exemplo
dos meus enlevos bemeditos!
Meu coração era um Templo
de imensos Génios e Mitos;
Meus olhos eram dois céus,
extranhos céus infinitos,
onde astros inda contemplo...

E o meu olhar era o Deus
do mundo dos meus bonitos!

■ F I M ■

HORA do RECREIO

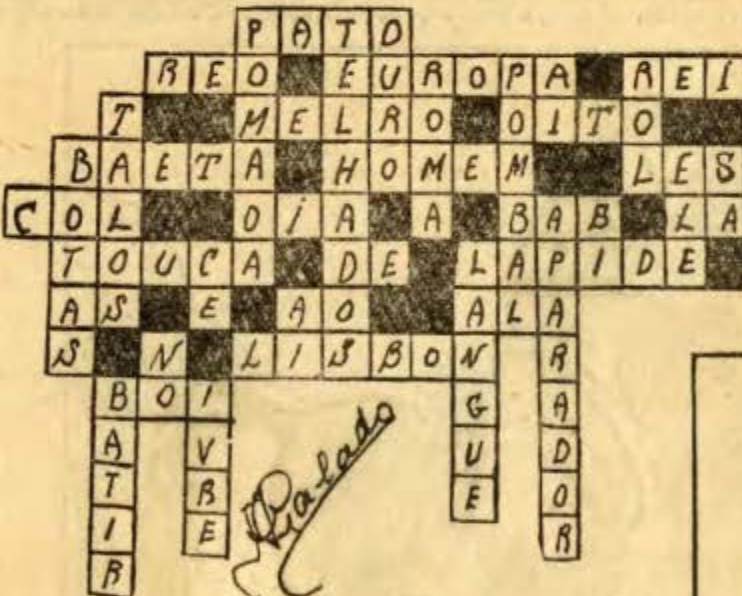
Ilusão de ótica

Olhando para a roda dentada do centro da figura e fazendo girar circularmente a folha, terão a verdadeira ilusão de que os círculos giram, em torno de si próprios, para um lado, enquanto a roda, para que olhamos, gira mais vagarosamente em sentido contrário.



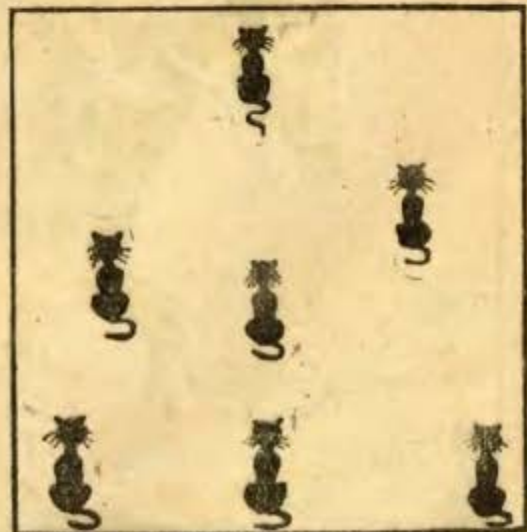
PALAVRAS CRUZADAS

Solução do problema do número anterior



Adivinha-problema

Estão 7 gatos num quintal. O problema consiste em separá-los por meio de três linhas rectas, que, partindo de pontos diferentes, se cruzem ou não.



VER A SOLUÇÃO NO PRÓXIMO Nº

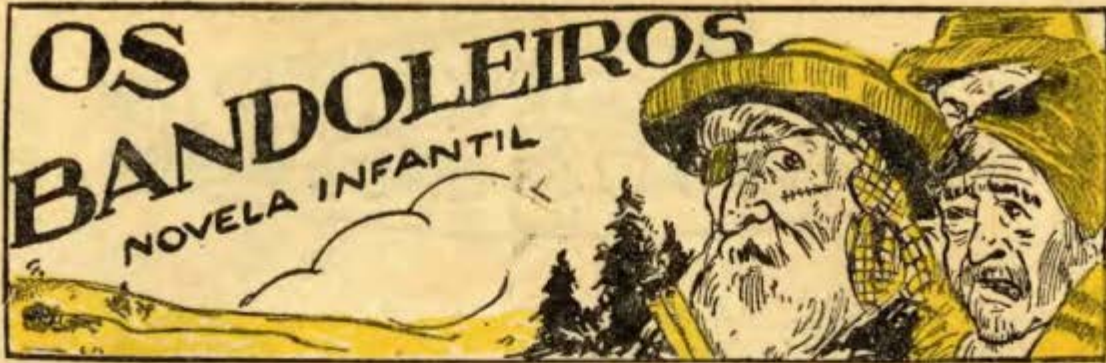
Solução das Adivinhas

Do número 183

- 1.ª — Ilha Minorca. 2.ª — Golfo de Leão. 3.ª — Cabo Nau. 4.ª — Cabo Delgado. 5.ª — Cabo das Agulhas. 6.ª — Cabo Negro. 7.ª — Cabo Noroeste. 8.ª — Baía dos Tigres. 9.ª — Lago Urso.

OS BANDOLEIROS

NOVELA INFANTIL



Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenhos de ANTONIO LOPES

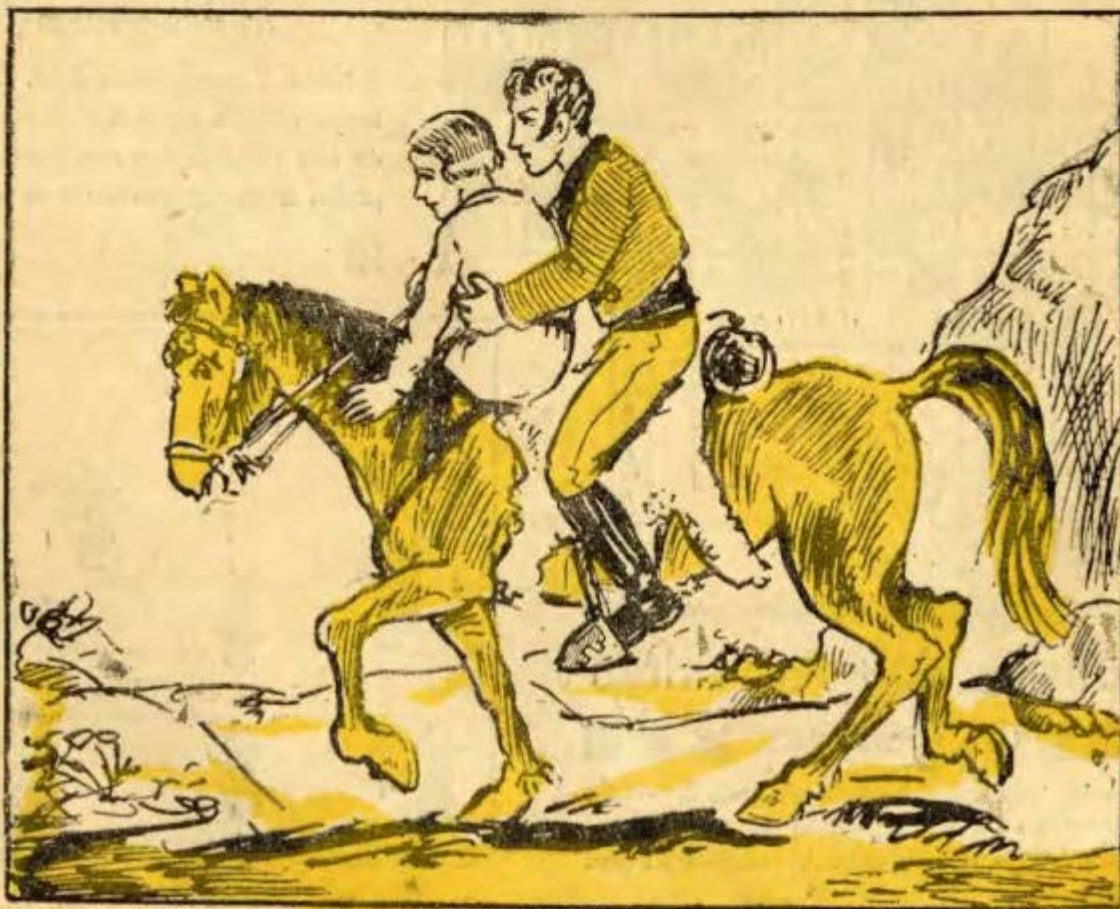
(Continuação do número anterior)

Milita, cheia de gratidão pelo acto generoso de Rapina, interpondo-se no momento em que «Barba-Azul» se dispunha a agredi-la, olhava-o, também, com admiração por aquele salteador tão diverso dos outros.

Todos estes atribulados acontecimentos haviam decorrido entre as oito horas da noite e as quatro da madrugada, hora a que, ao portão da quinta de Jorge de Moraes, parava novamente a liteira trazendo, além de Jorge e dois moços de lavoura, o velho cocheiro Atias que, de cabeça amarrada,

com um fio de sangue a escorrer-lhe pela enrugada face, mal dava acôrdo de si. Transportado, cuidadosamente, em improvisada maca para o quarto de hóspedes, confortavelmente mobilado, da habitação solarenga, meia hora depois, Atias via a seu lado o Doutor Fernando Reis que, devido à sua enorme fortuna, já não exercia clínica, excepto por deferência especial, como sucedia agora, a pedido do seu íntimo amigo Jorge de Moraes.

Fernando Reis que, a-pesar-de tão rico, não tinha há doze anos um só momento sequer de alegria ou despreocupação, ao ouvir o relato do assalto e da agressão a Atias pelos salteadores, sentiu nublar-se-lhe a alma e turvar-se-lhe a vista, à lembrança daquela noite fatal em que fôra também





assaltado e perdera para sempre o seu único filho, de três anos de idade, o seu querido Titó, sem que, como agora sucedia a Jorge, para nada tivesse valido a intervenção policial a que, então, recorrera também. Dera-se, precisamente, um caso idêntico ao que, chorando, desalentado, já sem esperanças de reaver Milita, Jorge lhe contava.

Fernando Reis, de cinquenta anos de idade, vivia com sua mulher D. Isabel, a qual contando apenas trinta e cinco, dir-se-ia, no entanto, ter já mais de sessenta, devido ao ao grande desgosto que sofrera com a perda do filho que considerava morto, embora do seu falecimento nunca houvesse sido informada. Sempre vestidos de luto, era raro saírem como raro era verem-se abertas as sombrias janelas da lúgubre casa em que viviam, a dez minutos da residência de Jorge. Apenas, de longe em longe, iam passar o serão a casa de D. Mafalda, amiga de Isabel.

Fernando Reis depois de haver observado demoradamente o infeliz Atias, rematou fleugmático: — «o fermento não é de gravidade» serenando, assim, a ansiedade dos circunstantes que eram todos os moradores do solar de Jorge, à exceção de D. Mafalda que se deitara pouco depois de Milita haver saído de casa e que, portanto, dormia ainda, ignorante do que havia sucedido à sua querida neta.

Eram cinco horas da manhã. Um clarão rubro no céu, anunciava a Aurora. Cantava uma cotovia e umas gotas de orvalho punham scintilações nas verdejantes planícies. Manhã linda de Outubro!

Rapina e Milita, naturezas ricas, almas enamoradas da Beleza e da Graça, de impressionáveis temperamentos, extenuados pela corrida vertiginosa que haviam feito, descansavam agora, estendidos na relva, completamente entregues aos seus pensamentos e às suas emoções. De quando em quando, cruzavam-se os olhares. Após um longo silêncio, Rapina exclamou;

— «Senhora, são horas de partirmos!»

— «Para onde...?!» perguntou Milita, entre confiada e receosa.

— «Para vossa casa, Senhora.» Objectou Rapina, surpreendendo-lhe um grande espanto no olhar.

— «Pois vai restituir-me a meu Pai?! A tróco de quê?! tornou Milita cada vez mais surpreendida.

— «A tróco da paz da minha consciência;» volveu o bandoleiro cuja índole era tão diversa da dos seus companheiros.

— «Obrigado». Acrescentou Milita, sorrindo de gratidão e pondo-se de pé.

Três segundos após, ao róseo alvôr da manhã, Rapina e Milita galopavam de novo, caminho do solar. Meia hora mais decorrida, já o sol doirando o campanário da ermida, quasi fronteiro ao solar de Jorge de Moraes, chegavam os fugitivos ao portão da quinta, inda aberto pelo alvoroço à chegada da liteira, após a fera agressão ao pobre cocheiro Atias.

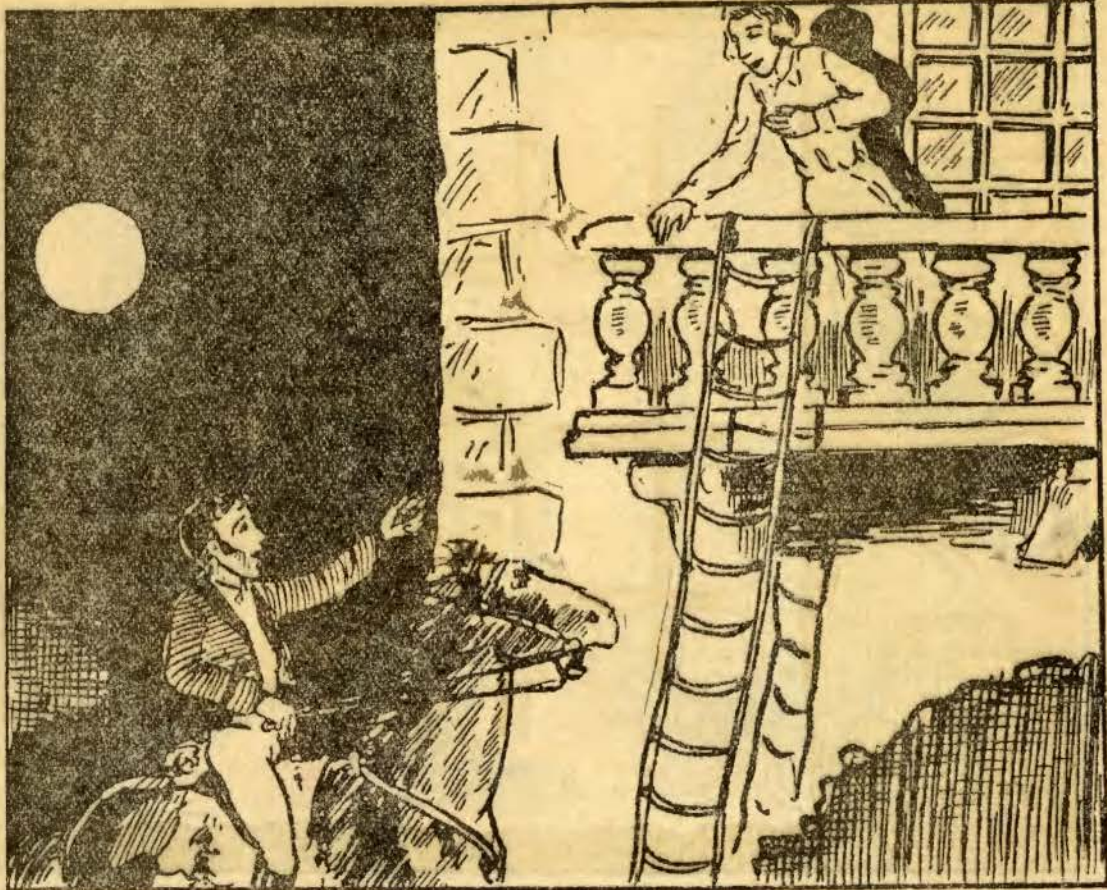
Já, em festivo chileio, cantavam os passarinhos.

Excepto D. Mafalda, a quem todos haviam poupado o desgosto da má-nova, ninguém, durante toda aquela alvo-roçada noite, dormira no solar.

Jorge, agora profundamente abatido, amarfanhado num «maple» com os olhos brilhantes de chorar, olhava sem vêr, fitava um ponto vago, imaginário palco, cujos fantásticos actores eram os terríveis bandoleiros e protagonistas, num cenário de sonho em pesadêlo, a sua querida Milita.

Jacinta, a velha governanta, no escritório de Jorge onde este se encontrava agora, olhava também, entre os umbrais da janela, um ponto vago no céu que trocava já a sua rosea cor por um azul de anil, toda confrangida pela atitude do seu amo e as vivas saudades do seu rico *al Jesus* como tratava quasi sempre Milita; baixando a vista, soltou tamanho: — «ah!...» de espanto, que fez erguer-se vivamente Jorge e correr para a janela, ao ouvir a sua imediata exclamação: — «a nossa rica menina!...»

Jorge, esfregando maquinalmente os olhos, julgou sonhar! Era, realmente Milita que se apeava dum cavalo, e, numa expressão radiante, corria para a porta de entrada. Um homem a acompanhava, um homem ainda novo mas cujo traje, à maneira dos que usavam os salteadores, impressionou Jorge desagradavelmente, intrigando-o deveras. Entanto, sem tempo para reflexões, correu ao encontro da filha, direito à porta da rua. Mal o avistou, Milita saltou-lhe ao pescoço, beijando-o e abraçando-o muito. Entre exclamações — «salva,



salva! Estou livre dos bandidos! Querido Pai!» a recém-vinda, apontando a porta da rua, murmurava agora, voltando o rosto para a porta da entrada: — *Foi aquele senhor quem me salvou!* Porém, com grande surpresa de ambos, ninguém se encontrava já no pátio do solar. Rapina e seu cavalo haviam desaparecido. Então, Milita, subitamente, entristeceu e suspirou com mágoa: — *Ah! nem sequer aguardou a nossa gratidão. Como foi bom para mim!* E numa avalanche de perguntas e respostas, Milita descreveu a seu Pai as mil peripécias que passou durante o seu cativo, a intervenção de Rapina em sua defeza e a generosidade que teve de a restituir aos seus.

Entretanto, chegando à porta da administração onde havia pouco regressava o piquete da guarda e onde, num grupo de homens, comentando os acontecimentos da noite, se encontravam falando animadamente o administrador e seu filho, Rapina apresentou-se voluntariamente à prisão. Foi geral a surpresa.

— *Que é feito da filha do capitalista sr. Jorge de Moraes?* perguntou, rudemente, o administrador, o mesmo tempo que Mário de Sousa exclamava ameaçador: — *Matará-na, talvez!* E, pegando-lhe num braço, acrescentou — *Serei eu o seu vingador! Prendam-no!* E imediatamente dois guardas o enclausuraram na pior enxovia.

Rapina, sem haver respondido às perguntas formuladas, entrou altivamente na prisão, irritando com tal atitude insubmissa Mário de Sousa, que, com um ar arrogante, procurava humilhá-lo. Cónscio de que os salteadores haviam assassinado Milita, a cuja mão aspirava, Rapina representava agora para ele o ruir do seu sonho e a falência das suas aspirações interesseiras. Sentia, por isso, germinar-lhe na alma um ódio profundo, que chispava em seus olhos ao encarar o jóven bandoleiro.

Recomendando aos guardas a maior vigilância, correu em seguida a casa de Jorge de Moraes afim de contar-lhe o extranho sucedido. Qual não foi, porém, o seu espanto ao dar com Milita, no gabinete de Jorge, conversando, tran-

qüila mas animadamente, com seu pai, D. Mafalda, que despertara e já estava a par de tudo que se passara, Jacinta, dois criados e Átias, o qual, ao saber da chegada da sua rica menina, se não contivera e se erguera do leito, a-pesar-do penso e das recomendações cautelosas do Doutor Reis.

Em todos os rostos brilhavam lágrimas de contentamento, excepto nos de Mário de Sousa, onde apenas brilhava um instinto de cobiça e no de Milita, iluminado apenas por um bondoso sorriso de emoção e ternura.

Informados por Mário de Sousa de que Rapina se entregara à prisão e de que já estava a ferros, um vivo protesto saíu dos lábios de Milita, rogando-lhe que o mandasse soltar e contendo-lhe a sua dedicação. Mas, inflexível aos seus rogos, Mário não cedia, tentando convencê-la de que, pondo-o em liberdade, mais dia menos dia, Milita tornaria a ser assaltada e vítima, portanto, dum secreto e mequiavélico plano de Rapina, cuja generosidade faria pagar bem cara.

Ante a sua insistência, Mário, a meia voz, aproveitando um momento em que todos, menos Milita, se haviam afastado, exclamou por fim:

— *«Não, Maria Emília, não! Tudo menos isso! Fizeram-na passar um mau bocado, a si que adoro loucamente, hão-de, portanto, expiar a aflição por que passamos! Amo-a e o meu maior desejo é defendê-la de todos os perigos, pela vida fora!»*

Milita, que não sentia por Mário a mais leve atracção, a mínima simpatia; sem nada lhe retorquir, voltou-lhe subitamente, as costas e pôs-se a pensar na melhor maneira de salvar Rapina.

Passaram-se alguns dias...

Milita encarregara o carcereiro da administração, que gratificara generosamente, de juntar ao cêsto das refeições, destinadas a Rapina, um pão de milho fabricado no solar.

Nem o próprio carcereiro suspeitava, sequer, o verdadeiro motivo que levava Milita àquela deliberação que supunha um simples capricho. Ninguém! Apenas o sabia Rapina que o recebia num imenso alvoroço, pois ao abri-lo encontrava sempre, dentro d'ele, uma carta.

Ao fim de uma semana de clausura, Rapina, ao abrir, com a ansiedade de sempre, o pão que Milita lhe enviava, deparou com uma pequena lima embrulhada na própria carta que dizia:

— «Meu adorado amôr.

Com a lima que te envio; trás limando, a pouco e pouco, as grades da prisão.

Tua Milita».

Havia oito dias já que se correspondiam, havia oito dias que se amavam.

Ao fim de duas semanas, numa linda noite de luar, quando tudo estava em silêncio, um assobio lento e abafado se ouviu, um cavaleiro parou ao portão da quinta de Jorge de Moraes, um vulto se apiou, uma janela se abriu, um corpo se debruçou, corpo que, momentos após, desceu por uma escada de corda, duas sombras se abraçaram e, dois minutos depois, apenas se ouvia, ao longe, o «taquete» das patas de um corcel.

(Continua no proximo número)

A CONSTRUÇÃO DE HOJE

VIDE PAGINA SEGUINTE

A pedido de um «sobrinho» dedicado, é publicada a construção de hoje que representa o célebre Charlot com os seus passos desencontrados e os seus gestos de boneco de arame.

Como hão-de reparar, há em tôdas as extremidades uns pequenos círculos marcados A, B, C, D, E, F e G.

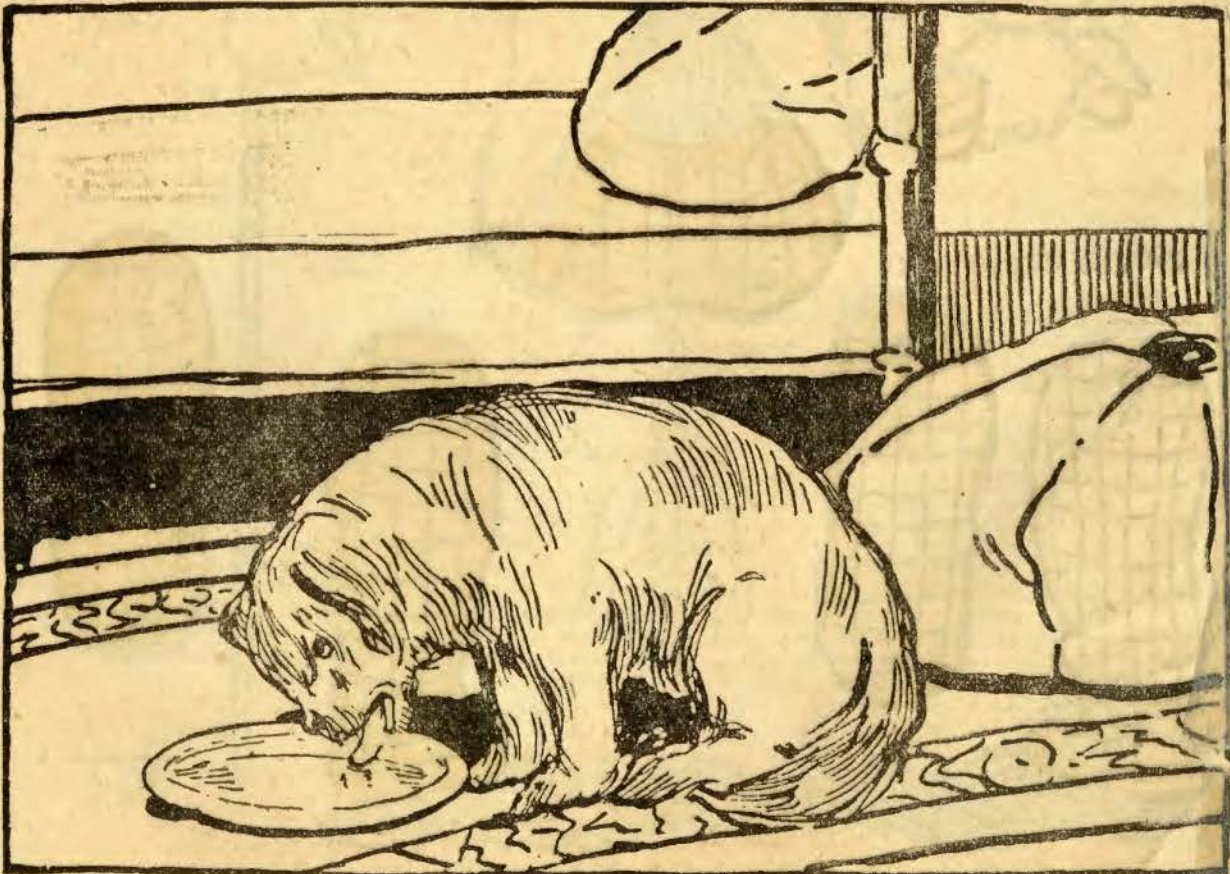
Depois de convenientemente colada em cartão e recortada, são ligados com 6 ataches ou pontos, feitos com nós

de cordel, as letras B com B, C com C, etc., ficando os braços e as pernas pela parte de traz do corpo.

Depois abrem-se, com o bico de uma tesoura, os pontos sem marcação das pernas e dos braços, ficando ligados entre si por um cordelinho horizontal.

Amarra-se a ponta de outro cordel, unindo os braços ás pernas pela parte de trás. (vide esquema) e tem a construção feita.

Para os meninos colorirem



CONSTRUÇÃO

PARA

ARMAR

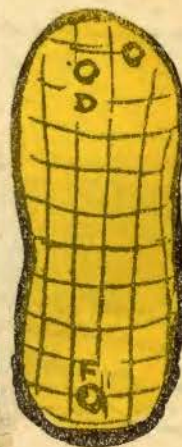
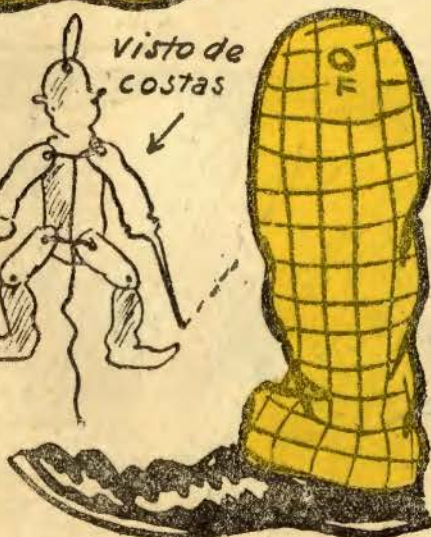
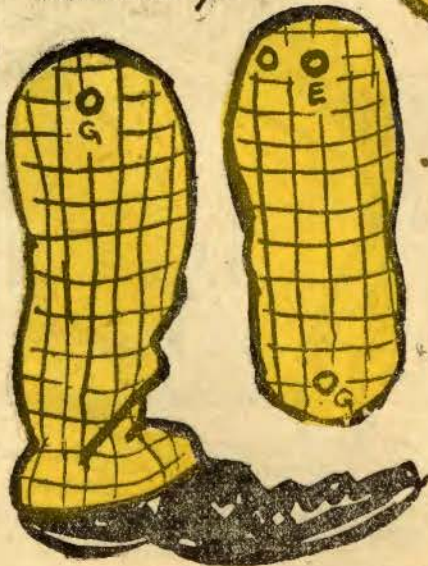


Charlot



como
fica o cor
del.

Perna esquerda



TIT

Vide instruções na página anterior